



DETERMINANTES DAS TRANSIÇÕES NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Maria Adreciana Silva de Aguiar¹

Resumo: A pandemia de COVID-19 trouxe várias consequências para o mercado de trabalho brasileiro, gerando aumento nas taxas de desocupação e inatividade. Dessa forma, este estudo tem por objetivo analisar os determinantes das transições no mercado de trabalho: emprego, desemprego e inatividade, durante a pandemia de Covid-19. Para isso, foram estimadas matrizes de probabilidade de transição e modelos logit multinomial, utilizando como bases de dados a PNAD Contínua de 2019 e a PNAD COVID-19. Os principais resultados apontam que os trabalhadores homens, brancos, com idade acima dos 24 anos, com ensino superior, que possuem cônjuge e filhos tiveram menor probabilidade de saída do emprego durante a pandemia. Já as mulheres com filhos obtiveram maior chance de transitarem do emprego para o desemprego ou inatividade, durante esse período.

Palavras-chave: Transição; emprego; desemprego; inatividade; covid-19.

DETERMINANTS OF TRANSITIONS IN THE BRAZILIAN LABOR MARKET DURING THE COVID-19 PANDEMIC

Abstract: *The COVID-19 pandemic brought several consequences for the Brazilian labor market, generating an increase in unemployment and inactivity rates. Thus, this study aims to analyze the determinants of transitions in the labor market: employment, unemployment and inactivity, during the Covid-19 pandemic. For this, transition probability matrices and multinomial logit models were estimated, using the PNAD Continuous of 2019 and PNAD COVID-19 as databases. The main results indicate that male, white workers, aged over 24 years, with higher education, who have a spouse and children are less likely to quit their jobs during the pandemic. Women with children are more likely to transition from employment to unemployment or inactivity during this period.*

Key words: *Transition; job; unemployment; inactivity; covid-19.*

1 Introdução

Devido a rápida disseminação geográfica do coronavírus SARS-CoV-2, a Organização Mundial da Saúde (OMS) elevou o estado de contaminação à pandemia, em 11 de março de 2020. Com o objetivo de conter a propagação do vírus, diversos países aplicaram um conjunto de medidas, como o fechamento das fronteiras, o isolamento social e inúmeras realizações de testes.

As restrições às atividades sociais e econômicas no Brasil tiveram início em março, com o Distrito Federal sendo a primeira unidade da federação a estabelecer as primeiras medidas de distanciamento social como a suspensão das aulas, de eventos e das atividades de atendimento ao público em comércios. Posteriormente, os demais estados brasileiros adotaram as medidas de quarentena.

O Brasil tornou-se o terceiro país do mundo com maior número de contaminações por Covid-19, atrás dos EUA e da Índia. No entanto, ocupou a segunda posição em número de óbitos,

¹ Doutorado em Economia (CAEN/UFC). Professora dos cursos de Ciências Econômicas e Finanças (UFC/Sobral). Endereço Institucional: R. Cel. Estanislau Frota, 563 - Centro, Sobral - CE, 62010-560. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1163-9734>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0306025562936285>. E-mail: adreciane@gmail.com.



com 145.388 mortes, ficando atrás apenas dos EUA que registrou 208.940 mortes, de acordo com o levantamento da Johns Hopkins University – EUA, referente aos dados de 03 de outubro de 2020.

A pandemia de COVID-19 trouxe várias consequências para a atividade econômica mundial, afetando tanto a demanda quanto a oferta de trabalho em diversos setores. A demanda de trabalho diminuiu em razão do fechamento de empresas e da redução do consumo de determinados bens e serviços. Já a oferta de trabalho também foi impactada, uma vez que parte dos trabalhadores adoeceu ou passou a integrar os grupos de risco, o que limitou sua participação no mercado de trabalho (Lemieux *et al.*, 2020).

Os setores da economia mais afetados devidos as regras de isolamento social foram os da aviação, transporte, turismo, bares e restaurantes, comércio, indústria, atividade artísticas e serviços. Como consequência, um grande contingente de trabalhadores foi desligado, o que contribuiu para o aumento das taxas de desemprego e de inatividade ao longo da pandemia (Souza Júnior *et al.*, 2020).

Segundo os dados da PNAD COVID-19, a taxa de desemprego em maio de 2020, aumentou de 10,5% na primeira semana para 11,4% na última semana do mês. Na última semana de agosto do mesmo ano, essa taxa alcançou 14,3%. Além disso, cerca de 16,8 milhões de pessoas estavam fora da força de trabalho, embora quisessem trabalhar, mas não buscaram emprego em razão da pandemia ou da falta de oportunidades, sendo, neste último caso, classificadas como desalentadas.

Um dos grupos mais afetados nesse período foram as mulheres, devido a necessidade de deixar o mercado de trabalho para o cuidado das crianças, já que as escolas permaneceram fechadas. Como as mulheres, na grande maioria, são responsáveis pelos afazeres domésticos e cuidados com os filhos, acabam sendo desproporcionalmente prejudicadas em seus vínculos empregatícios (Orellana; Aragón, 2020). Além disso, os jovens também tendem a ser penalizados em períodos de crise econômica, pois a falta de experiência dificulta a inserção e permanência no mercado de trabalho. Segundo Joyce e Xu (2020) os empregados com menos de 25 anos de idade têm cerca de duas vezes mais chance de trabalhar em um dos setores fortemente afetados pela pandemia.

Nesse contexto, o presente artigo tem como objetivo analisar os determinantes das transições no mercado de trabalho brasileiro durante a pandemia de Covid 19. Para tanto, foram utilizadas a PNAD Contínua 2019 e a PNAD COVID-19, para análise da transição na força de trabalho, para os períodos que envolvem o início da pandemia e período que demonstra indícios de retomada da economia. Foram estimadas matrizes de probabilidade de transição e os modelos logit multinomial para verificar os efeitos das variáveis relacionadas ao indivíduo, família e sua



localização sobre a probabilidade de transitar entre os três estados no mercado de trabalho: emprego, desemprego e inatividade.

Este artigo está dividido em mais quatro seções, além desta introdução. A próxima seção faz um breve levantamento sobre a literatura. A terceira seção descreve a estratégia empírica utilizada. A quarta seção apresenta os resultados, e por fim, a quinta as considerações finais.

2 A pandemia de covid 19 e o mercado de trabalho

Esta seção destaca alguns estudos que apontam as consequências da pandemia de Covid-19 no mercado de trabalho mundial. Grande parte da literatura internacional foca principalmente na análise do mercado de trabalho dos EUA.

Cho, Lee e Winters (2020) analisaram as mudanças no status ocupacional de indivíduos do setor de alimentos nos Estados Unidos. Os resultados indicaram que a pandemia reduziu significativamente a probabilidade de permanência no emprego, tanto na indústria de fabricação de alimentos quanto no varejo de supermercados. Além disso, a taxa local de infecção por COVID-19 mostrou-se um fator forte e estatisticamente significativo: à medida que a gravidade das infecções aumenta, trabalhadores desse setor apresentam maior probabilidade de saída da força de trabalho.

Montenovo *et al.* (2020) também fazem a análise para os EUA, avaliando como a pandemia de Covid 19 afetou o mercado de trabalho, comparando com a Grande Recessão e a recessão de 2001. Mostraram que a perda de emprego foi maior para as ocupações que exigem mais contato interpessoal. E com isso, as taxas de desemprego foram cerca de 46% menor entre os trabalhadores em empregos compatíveis com trabalho remoto. Além disso, as perdas de emprego durante a pandemia de Covid 19 foram maiores do que os efeitos dos anos da Grande Recessão, com altas taxas para os trabalhadores mais jovens.

Já Djoumessi e Yannick (2020) fizeram uma avaliação inicial dos impactos da Covid-19 sobre o emprego em Camarões, país da África Central. O estudo contou com dados coletados pelo National Institute of Statistics com 1310 entrevistados entre abril e maio de 2020. Estimaram o modelo logit com correção para heterogeneidade, a fim de identificar os determinantes da situação do emprego, avaliando os seguintes itens: redução dos salários, suspensão temporária do emprego e perda do emprego.

As evidências estatísticas do estudo supracitado mostraram que a queda dos salários afetou 68% dos ocupados, 31,6% tiveram a suspensão temporária do trabalho e 7,47% dos trabalhadores perderam seus empregos. Os resultados do modelo econométrico apontaram que o encerramento total ou parcial das atividades teve um impacto negativo forte na perda permanente do emprego.



Além disso, a perda de confiança dos clientes provocou impacto negativo sobre a redução dos salários e suspensão temporária do emprego.

Para o mercado de trabalho canadense, Lemieux *et al.* (2020) observaram os impactos iniciais da pandemia de Covid 19, focando nas mudanças no emprego e no total de horas trabalhadas. Concluíram que o Covid-19 induziu a um declínio de 32% nas horas semanas trabalhadas entre fevereiro e abril de 2020 e um declínio de 15% no emprego. As maiores perdas foram dos trabalhadores das indústrias e alimentação. Além disso, quase metade dos trabalhadores que perderam seus empregos encontravam-se no quartil inferior de renda.

Para a Ucrânia, Brik e Obrizan (2020) analisaram o mercado de trabalho e as expectativas das famílias durante quatro semanas após o início da quarentena devido o Covid-19. Para tanto, identificaram os indivíduos que não estavam trabalhando durante a quarentena, aqueles que realizavam trabalho remoto, aqueles que tinham medo de perder seus empregos, e aqueles tinham economia para passar por um mês ou menos de quarentena, caso fosse estendida. As evidências deixaram claro que os empregados na administração pública, os que trabalhavam com programação e TI e os especialistas altamente qualificados tinham mais probabilidade de garantir seus empregos durante a pandemia. Outro resultado que pode ser destacado no estudo é que os indivíduos com maior nível de educação e os que moravam em Kiev (capital da Ucrânia) tinham maior probabilidade de trabalho remoto.

Sobre os impactos da Covid 19 sobre o mercado de trabalho brasileiro tem-se os estudos realizados por Barbosa, Costa e Hecksher (2020), Orellana e Aragón (2020) e Komatsu e Menezes-Filho (2020). Barbosa, Costa e Hecksher (2020) identificaram os efeitos da pandemia de Covid-19 no mercado de trabalho logo após a determinação do isolamento social. O estudo utilizou as PNADs Contínua de 2018-2020 (primeiro trimestre) e mostraram que os trabalhadores em situação de maior precariedade no mercado, aqueles que não conseguem realizar o trabalho remoto e os informais são os que corriam mais risco de perder seus empregos. No que se refere às características individuais, as maiores perdas de ocupação concentraram-se entre mulheres, jovens, pessoas negras e indivíduos com menor nível de escolaridade.

Já Orellana e Aragón (2020) investigaram como a pandemia de Covid-19 afetou a duração do desemprego brasileiro. Como metodologia, empregaram os métodos não paramétricos e paramétricos e os dados da PNAD Contínua entre 2019 e 2020 (primeiro trimestre). Os resultados indicaram que os grupos mais vulneráveis no mercado de trabalho, como jovens e mulheres, foram os primeiros a deixar a força de trabalho durante a crise. Além disso, constataram que indivíduos mais escolarizados apresentaram maior probabilidade de permanecer desempregados em 2020, o que os autores associam ao maior nível de acumulação de capital humano e à seletividade na aceitação de ocupações.



Por fim, Komatsu e Menezes-Filho (2020) examinaram o que ocorreria com a renda média, a pobreza e a desigualdade de renda caso os trabalhadores informais dos setores mais vulneráveis perdessem seus empregos. Para isso, os autores realizaram simulações com diferentes cenários. Os achados demonstraram que as regiões Norte e Nordeste seriam as mais afetadas em termos de redução da média de renda, aumento da pobreza e desigualdade de renda. Além disso, o auxílio emergencial teria papel relevante na atenuação das perdas de renda nessas regiões. Ademais, entre os ocupados nos setores mais vulneráveis observaram-se maior presença de mulheres, pessoas com menor escolaridade, bem como de indivíduos negros e indígenas.

Embora os estudos anteriores tenham fornecido evidências relevantes sobre os impactos iniciais da pandemia no emprego, na renda e na duração do desemprego, eles se concentram majoritariamente em efeitos estáticos ou em simulações de cenários agregados. Diferentemente dessa abordagem, o presente artigo contribui para a literatura ao analisar explicitamente a dinâmica do mercado de trabalho brasileiro durante a pandemia de COVID-19, investigando as transições individuais entre emprego, desemprego e inatividade. Para tanto, utiliza-se duas bases de dados, PNAD Contínua 2019 e da PNAD COVID-19, que permitem examinar tanto o período inicial da crise quanto a fase que apresenta sinais de retomada econômica.

3 Metodologia

3.1 Base de Dados e Tratamento

Para este estudo foram utilizadas as bases de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) de 2019 e a PNAD COVID 19, produzidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A pesquisa PNAD COVID 19 tem como objetivo quantificar as pessoas com sintomas de Covid-19 e os impactos da pandemia no mercado de trabalho. A pesquisa foi realizada em parceria com o Ministério da Saúde e abrangeu 193,6 mil domicílios distribuídos em 3.364 municípios do país. Essa pesquisa é de natureza longitudinal, com início em maio e término em novembro de 2020, no qual os entrevistados no primeiro mês de coleta permaneceram na amostra nos meses subsequentes.

Para definir a amostra da PNAD COVID 19, o IBGE utilizou a base de 211 mil domicílios que participaram da PNAD Contínua (PNADC) no primeiro trimestre de 2019 e que tinham telefone cadastrados. O motivo da escolha do 1º Trimestre de 2019 pelo IBGE foi porque os domicílios desta amostra incluem apenas aqueles que já teriam completado sua participação na PNAD Contínua até o fim do 1º Trimestre de 2020. Isso porque evitaria a sobrecarga dos domicílios que ainda iriam responder a PNAD Contínua ao longo do ano de 2020.

Em razão desse desenho amostral, utilizou-se a PNAD Contínua de 2019 (primeiro



trimestre de 2019 - início da pandemia) e a PNAD COVID 19 (maio e agosto de 2020) para avaliar a transição dos indivíduos no mercado de trabalho. O emparelhamento dos indivíduos foi realizado de acordo com Lopes (2002) através das informações do dia, mês e ano de nascimento e sexo do indivíduo (variáveis de emparelhamento básico), já que todas as pessoas que responderam a PNAD COVID-19 estão na pesquisa do 1º trimestre de 2019 da PNADC.

Os indivíduos foram classificados como: a) empregados – aqueles que fazem qualquer trabalho remunerado ou lucrativo; b) desempregados – aqueles que durante a semana de referência estavam desocupados, mas tomaram alguma providência efetiva para conseguir emprego; c) inativos – aqueles que não tomaram iniciativa para conseguir trabalho. A partir desta classificação foram criadas as variáveis de transição do emprego (Transição E) e do desemprego (Transição D).

Apenas indivíduos com idade entre 14 e 65 anos foram considerados na amostra. Além disso, exclui-se aqueles que não foram identificados nas duas bases de dados, PNADC de 2019 e PNAD COVID-19. As variáveis utilizadas no modelo logit multinomial estão descritas no Quadro 1, a seguir.

Quadro 1 – Descrição das variáveis

Variável	Descrição
Dependente	
Transição E	=1 para continuar empregado (EE)*, 2 para transição do emprego para inatividade (EI), e 3 para transição do emprego para o desemprego (ED).
Transição D	=1 para continuar desempregado (DD)*, 2 para transição do desemprego para o emprego (DE), e 3 para transição do desemprego para inatividade (DI).
Individual	
Homem	= 1 se homem, 0 caso contrário
Branco	= 1 se branco, 0 caso contrário
Idade 14 a 24	=1 se o indivíduo possui idade entre 14 a 24 anos, 0 caso contrário*
Idade 25 a 34	=1 se o indivíduo possui idade entre 25 a 34 anos, 0 caso contrário
Idade 35 a 44	=1 se o indivíduo possui idade entre 35 a 44 anos, 0 caso contrário
Idade 45 a 54	=1 se o indivíduo possui idade entre 45 a 54 anos, 0 caso contrário
Idade 55 a 65	=1 se o indivíduo possui idade entre 55 a 65 anos, 0 caso contrário
Sem Instrução	=1 se o indivíduo não tem instrução ou ensino fundamental incompleto, 0 caso contrário
Fundamental	=1 se o indivíduo possui ensino fundamental completo ou médio incompleto, 0 caso contrário
Médio	=1 se o indivíduo possui ensino médio completo ou superior incompleto, 0 caso contrário
Superior	=1 se o indivíduo possui ensino superior completo, 0 caso contrário*
Estrutura Familiar	
Chefe	= 1 se chefe de família, 0 caso contrário
Cônjuge	= 1 se possui cônjuge, 0 caso contrário
Tem Filho	= 1 se possui filho, 0 caso contrário
Tem Filho 6	= 1 se possui filho menor de 6 anos de idade, 0 caso contrário



Mulher X Filho	= 1 para interação entre mulher e ter filho, 0 caso contrário
Localização	
Urbana	= 1 se reside em área urbana, 0 caso contrário
RM	= 1 se reside em região metropolitana, 0 caso contrário
Sudeste	= 1 se reside na região Sudeste, 0 caso contrário*
Nordeste	= 1 se reside na região Nordeste, 0 caso contrário
Sul	= 1 se reside na região Sul, 0 caso contrário
Centro_Oeste	= 1 se reside na região Centro-Oeste, 0 caso contrário
Norte	= 1 se reside na região Norte, 0 caso contrário

Fonte: Elaboração própria a partir da PNADC 2019 e da PNAD COVID-19.

Nota: * Categoria base.

3.2 Estratégia Empírica

O modelo de cadeia de Markov foi utilizado para estimar a probabilidade de transição de um status da força de trabalho para outro durante a pandemia de Covid-19. O método consiste em analisar a dinâmica de três estados do mercado de trabalho: i) empregado; ii) desempregado; iii) inativo, e segue estudos como Fabrizi e Mussida (2009), Gailhard e Kataria (2014) e Araújo e Antigo (2016).

A matriz de transição, conhecida como matriz de Markov será utilizada para representar a dinâmica de mobilidade dos indivíduos e pode ser representada por:

$$T = \begin{pmatrix} P_{EE}^i & P_{ED}^i & P_{EI}^i \\ P_{DE}^i & P_{DD}^i & P_{DI}^i \\ P_{IE}^i & P_{ID}^i & P_{II}^i \end{pmatrix}$$

Onde $P_{j,k}^i$ representa a probabilidade do indivíduo i estar no estado j em $t-1$ e no estado k período t . Por exemplo, P_{EE}^i denota a probabilidade do indivíduo estar empregado no período t (1º trimestre de 2019) e permanecer em empregado no período $t+1$ (maio de 2020). Já P_{DE}^i refere-se à probabilidade de sair do desemprego para o emprego. Logo, será obtidas nove probabilidades de transição no mercado de trabalho para cada período.

Adicionalmente, para calcular o impacto das características individuais, familiares e de localização sobre a probabilidade de transição do emprego e desemprego foi adotado o modelo Logit Multinomial. Cada indivíduo terá um grupo de alternativas possíveis para escolha que variam entre permanecer ou mudar de estado, como exposto na matriz de transição T .

A probabilidade de resposta do modelo é dada por:

$$Pr(y_{it} = j | y_{it-1} = k) = \frac{\exp(\pi_j X_i)}{\sum_{k=1}^K (\pi_k X_i)} \quad \forall, j, k = 1, \dots, K \quad (1)$$

Em que i denota o indivíduo, j denota os estados e X é um vetor de variáveis explicativas,



descritas anteriormente no Quadro 1.

Para estimar o modelo utiliza-se o método de Máxima Verossimilhança. A interpretação dos resultados pode ser realizada por meio da razão de chances (RRR) de cada coeficiente, indicando a relação entre as probabilidades de cada categoria em relação a categoria base.

4 Resultados

4.1 Análise Descritiva e Probabilidade de Transição

Na tabela 1 encontra-se a estatística descritiva para a composição do mercado de trabalho brasileiro segundo as características individuais, no período antes e durante a pandemia de Covid-19. Nota-se que a proporção total de empregados da amostra é maior no primeiro trimestre de 2019 (53,39%), ou seja, no período antes da pandemia. Foram observados aumentos no percentual de ocupados durante o período de maio a agosto de 2020, passando de 42,85% para 48,29%, devido aos indícios de retomada da economia.

Observa-se que a maioria dos homens permaneceu ocupada nos três períodos analisados. Além disso, a proporção de homens desempregados apresentou queda, passando de 16,65% em maio para cerca de 11% em agosto de 2020.

Já entre as mulheres, a maioria encontra-se empregada apenas em 2019, pois grande parte delas situa-se fora da força de trabalho no período de pandemia, maio e agosto de 2020. Vale destacar que em maio o percentual de mulheres inativas era de 49% e em agosto 50,26%, ou seja, muitas dessas mulheres não saíram da inatividade mesmo com o início de retomada da economia.

Tabela 1: Composição do mercado de trabalho brasileiro, antes e durante a pandemia de Covid-19

Variáveis	Empregado (%)			Desempregado (%)			Inativo (%)		
	1ºT 2019	05/20	08/20	1ºT 2019	05/20	08/20	1ºT 2019	05/20	08/20
Total	53,39	42,85	48,29	13,83	17,08	11,37	32,78	40,08	40,34
Homem	64,09	53,07	59,54	13,16	16,65	10,98	22,75	30,28	29,48
Mulher	43,71	33,53	38,02	14,43	17,47	11,73	41,85	49,00	50,26
Branco	57,32	48,09	52,94	12,28	15,54	10,20	30,39	36,38	36,86
Não Branco	50,54	39,15	45,07	14,95	18,16	12,18	34,51	42,68	42,75
Idade 14 a 24	29,25	23,43	26,73	19,20	14,53	12,39	51,54	62,04	60,88
Idade 25 a 34	64,12	52,01	58,53	16,12	19,83	13,54	19,76	28,16	27,93
Idade 35 a 44	68,18	55,88	62,57	13,42	19,24	12,12	18,40	24,88	25,31
Idade 45 a 54	63,04	51,19	57,96	11,57	18,23	10,66	25,38	30,57	31,38
Idade 55 a 65	42,62	32,71	37,20	8,01	13,46	7,67	49,37	53,83	55,13
Sem Instrução	42,91	35,84	39,30	11,75	13,22	8,25	45,33	50,94	52,46
Fundamental	41,65	32,89	37,63	14,40	15,34	10,93	43,94	51,77	51,44
Médio	59,54	45,30	52,17	15,88	20,06	13,99	24,58	34,64	33,84
Superior	73,56	61,94	69,57	12,71	18,99	11,49	13,73	19,07	18,93

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da PNADC 2019 e PNAD COVID-19.

Nota: 1ºT2019 = 1º Trimestre de 2019; 05/20 = Maio de 2020; e 08/20 = Agosto de 2020.



No que se refere à raça/cor, observa-se que a proporção de pessoas ocupadas é maior entre os brancos do que entre os não brancos. Durante a pandemia, entre os não brancos, cerca de 43% encontravam-se em situação de inatividade, enquanto as taxas de desemprego atingiram aproximadamente 18% em maio e 12% em agosto

Os indivíduos na faixa etária de 14 a 24 anos de idade encontram-se, em maior proporção, fora da força de trabalho, que durante o mês de maio de 2020 chegou a 62% desses jovens. Vale ressaltar que os de mais idade, entre 55 a 65 anos, também estão em maior proporção na inatividade, e que em agosto de 2020 alcançava 55,13 % destes. Além disso, entre a faixa etária de 25 a 54 anos, observa-se a maior concentração de desempregados durante a pandemia.

Quanto ao nível de escolaridade, o maior percentual dos indivíduos sem instrução e com ensino fundamental completo concentra-se fora da força de trabalho, e esse percentual é mais acentuado no período de isolamento social, meses de maio e agosto de 2020. Outro achado que pode ser evidenciado é que para os não possuem instrução não há uma redução do percentual desses indivíduos que estão na inatividade no período em que a economia mostra indícios de retomada. O contrário se observa para os indivíduos que possuem o ensino médio completo e ensino superior, em que a maioria possui uma ocupação, e que no mês de agosto de 2020 tanto a proporção de desempregados como a de inativos diminuíram.

A tabela 2, a seguir, apresenta as probabilidades de transição dos três estados do mercado de trabalho (empregado, inativo e desempregado) analisadas durante a pandemia de Covid-19. De modo geral, é mais provável que o indivíduo permaneça no mesmo *status* no mercado de trabalho. Além disso, observa-se que nos meses de maio-agosto de 2020 há uma proporção maior de indivíduos que continuam no mesmo estado no mercado de trabalho, isso ocorreu para 88,42% para os empregados, 83,54% para os inativos e 37,28% para os desempregados.

A probabilidade de transitar do emprego para o desemprego é maior quando se compara o período que corresponde ao 1º trimestre de 2019 com maio de 2020, pois é o período que engloba o início do isolamento social, do que o período maio-agosto de 2020, no qual o mês de agosto tem-se indícios de retomada na economia brasileira, portanto uma chance menor dos trabalhadores perderem seus empregos. Nesse período os indivíduos têm probabilidade de 37,28% de continuar no desemprego. Porém, quando desempregados também possuem mais chance de conseguir uma ocupação (40,94%) do que no primeiro período analisado (36,6%).

Tabela 2: Matriz de probabilidade de transição entre os *status* no mercado de trabalho durante a pandemia de Covid-19, Brasil

	1ºT 2019-05/2020		
	Empregado (t+1)	Inativo (t+1)	Desempregado (t+1)
Empregado (t)	63,11	16,78	20,10
Inativo (t)	12,04	78,23	9,73



Desempregado (t)	36,60	40,75	22,65
05/2020-08/2020			
Empregado (t)	88,42	5,96	5,62
Inativo (t)	10,03	83,54	6,43
Desempregado (t)	40,94	21,78	37,28

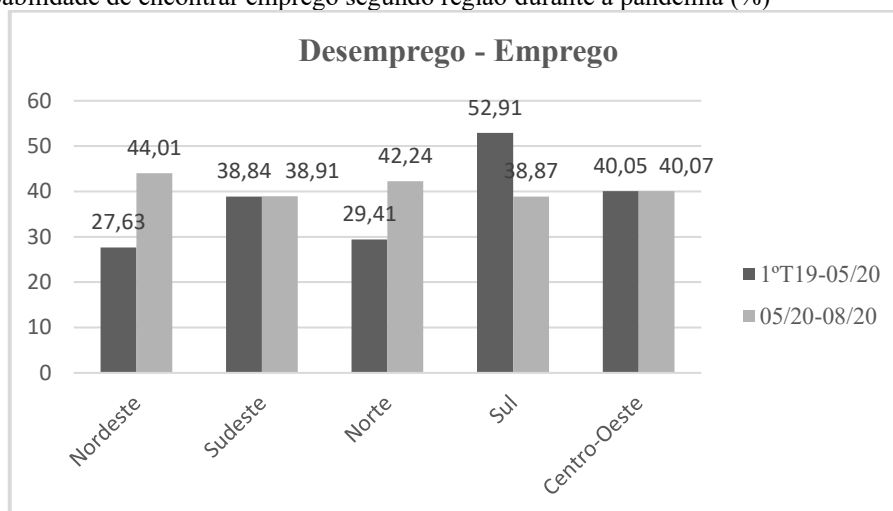
Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da PNADC 2019 e da PNAD COVID-19.

No gráfico 2 tem-se os resultados das matrizes de transição do desemprego para o emprego segundo as regiões brasileiras. Percebe-se a probabilidade de encontrar emprego era menor para todas as regiões, no primeiro período analisado que engloba o início da pandemia de Covid-19, a exceção foi a região Sul.

Entre o primeiro trimestre de 2019 e maio de 2020, os indivíduos residentes na região Nordeste apresentaram a menor probabilidade de inserção ocupacional, de apenas 27,63%. Em contraste, no mesmo período, residir na região Sul esteve associado a uma probabilidade significativamente maior de conseguir emprego, alcançando 52,91%.

Já no período em que a economia mostra indícios de recuperação, 05/2020-08/2020, a probabilidade de conseguir emprego é maior para os que vivem na região Nordeste, 44%, e menor para os das regiões Sul e Sudeste com cerca de 39%.

Gráfico 2: Probabilidade de encontrar emprego segundo região durante a pandemia (%)



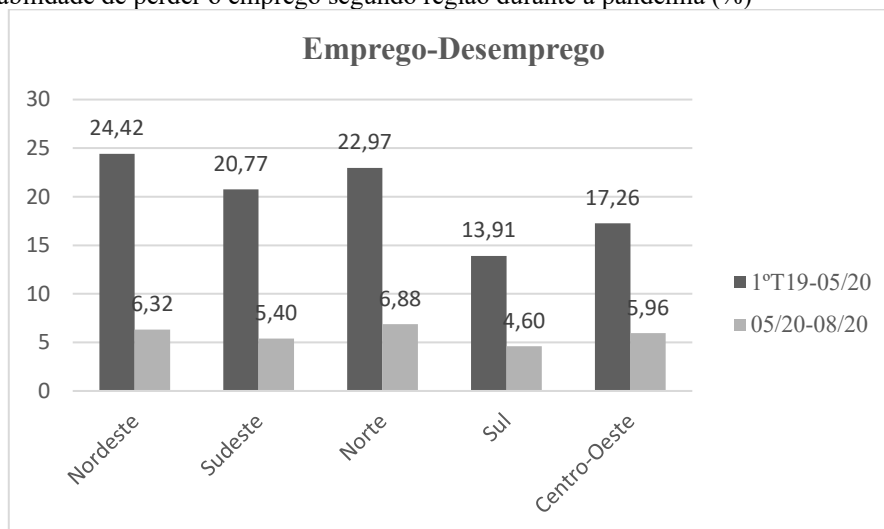
Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da PNADC 2019 e da PNAD COVID-19.

O gráfico 3 mostra a probabilidade de perder o emprego nas regiões brasileiras durante a pandemia de Covid-19. Observa-se que a probabilidade de transitar do emprego para o desemprego do período anterior a pandemia (1º trimestre de 2019) até o mês de maio de 2020 é consideravelmente maior do que no período de maio a agosto de 2020.

Os trabalhadores da região Nordeste, no primeiro período analisado, tiveram a maior probabilidade de perderem sua ocupação, 24,42%, seguida da região Norte com 22,97%. Já no período posterior (05/2020-08/2020), essa probabilidade caiu para 6,32% para os nordestinos e

6,88% para os da região Norte, porém permaneceram sendo as regiões com maior probabilidade de desemprego.

Gráfico 3: Probabilidade de perder o emprego segundo região durante a pandemia (%)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da PNADC 2019 e da PNAD COVID-19.

Vale destacar, que no período do 1º Trimestre de 2019 a maio de 2020, os residentes da região Sul foram os que tiveram a menor de probabilidade ficar desempregados (13,91%) se comparados com os indivíduos das outras regiões. Já no período de retomada da economia os trabalhadores dessa região também foram os que tiveram a menor chance de ficar desempregados 4,6%, seguidos pelos trabalhadores da região Sudeste com 5,4%.

Os resultados das matrizes de transição permitem uma visão geral, porém não permitem a análise *ceteris paribus* das variáveis de interesse. Portanto, a subseção a seguir traz as evidências para o modelo logit multinomial com intuito de isolar os efeitos das características dos trabalhadores sobre a transição no mercado de trabalho durante a pandemia.

4.2 Resultado do Modelo Logit Multinomial

A tabela 3 apresenta os resultados do modelo logit multinomial para a transição do emprego para os seguintes estados: a) continuar empregado (EE - categoria base); b) inatividade (EI); c) e desemprego (ED). Os períodos de transição analisados foram do 1º Trimestre de 2019 a maio de 2020 (1ºT2019-05/2020) que engloba o início da pandemia e como consequência as medidas de isolamento social, e de maio a agosto de 2020 (05/2020-08/2020) cujo período demonstra indícios de retomada da economia. A tabela traz ainda os coeficientes e as razões de risco relativo (RRR), onde valores maiores que 1 significam aumento do risco de ocorrência da transição e valores menores que 1 representam a redução de ocorrência.

O risco de saída do emprego, tanto para o desemprego (ED) quanto para inatividade (DI) é menor para os homens, e ocorre com maior chance no primeiro período pois envolve o início da pandemia. Assim como encontrado por Barbosa, Costa e Hecksher (2020), as mulheres enfrentam maior perda do emprego do que os homens, pois os setores diretamente afetados pela pandemia empregam mais mulheres.

Observa-se que indivíduos brancos e com idade entre 25 e 54 anos, em comparação aos mais jovens (14 a 24 anos), apresentam menor probabilidade de transitar para a inatividade ou o desemprego em relação à permanência no emprego, em ambos os períodos analisados. Esses resultados corroboram as evidências de Gomes *et al.* (2019) e Wroblevski e Cunha (2020), que mostram que pessoas não brancas apresentam maior mobilidade no mercado de trabalho brasileiro do que as brancas. Ademais, os autores destacam que os jovens tendem a apresentar maior rotatividade, com maior risco de saída da ocupação e menores chances de inserção no mercado de trabalho.

Com relação a escolaridade, tendo como base os indivíduos com ensino superior, aqueles com menor nível educacional apresentam maior chance de transitarem para a inatividade ou desemprego. Por sua vez, aqueles sem instrução (comparados com os que tem ensino superior) têm 264,15% de chance a mais de transição do emprego para inatividade no primeiro período e sobe para 324,89% no segundo período. Esse mesmo grupo também apresenta elevada chance de ficar desempregado, principalmente no segundo período.

Tabela 3: Resultado do Modelo Logit Multinomial, Transição do Emprego durante a pandemia de Covid-19

	1ºT 2019- 05/2020				05/2020-08/2020			
	EI		ED		EI		ED	
	Coef.	RRR	Coef.	RRR	Coef.	RRR	Coef.	RRR
Homem	-0,742*** (0,0265)	0,4761*** (0,0126)	-0,443*** (0,0247)	0,6421*** (0,0159)	-0,707*** (0,0303)	0,4931*** (0,0149)	-0,296*** (0,0315)	0,7440*** (0,0234)
Branco	-0,113*** (0,0204)	0,8928*** (0,0182)	-0,142*** (0,0183)	0,8675*** (0,0159)	-0,111*** (0,0240)	0,8958*** (0,0215)	-0,212*** (0,0239)	0,8091*** (0,0194)
Idade 25 a 34	-0,569*** (0,0329)	0,5660*** (0,0186)	-0,162*** (0,0311)	0,8506*** (0,0264)	-0,535*** (0,0381)	0,5859*** (0,0223)	-0,214*** (0,0383)	0,8070*** (0,0309)
Idade 35 a 44	-0,709*** (0,0344)	0,4921*** (0,0169)	-0,228*** (0,0323)	0,7965*** (0,0258)	-0,692*** (0,0401)	0,5007*** (0,0201)	-0,245*** (0,0400)	0,7823*** (0,0313)
Idade 45 a54	-0,477*** (0,0358)	0,6209*** (0,0222)	-0,112*** (0,0341)	0,8937*** (0,0304)	-0,512*** (0,0417)	0,5991*** (0,0250)	-0,306*** (0,0431)	0,7363*** (0,0317)
Idade 55 a 65	0,3689*** (0,0372)	1,4461*** (0,0538)	0,2203*** (0,0372)	1,2465*** (0,0464)	0,1429*** (0,0420)	1,1536*** (0,0484)	-0,183*** (0,0467)	0,8332*** (0,0389)
Sem Instrução	1,2924*** (0,0322)	3,6415*** (0,1172)	0,3953*** (0,0272)	1,4848*** (0,0404)	1,4467*** (0,0411)	4,2489*** (0,1748)	0,5947*** (0,0367)	1,8125*** (0,0665)
Fundamental	1,1247*** (0,0349)	3,0795*** (0,1076)	0,4558*** (0,0293)	1,5775*** (0,0463)	1,2247*** (0,0426)	3,4031*** (0,1449)	0,5256*** (0,0374)	1,6915*** (0,0632)
Médio	0,7668*** (0,0293)	2,1529*** (0,0632)	0,3165*** (0,0225)	1,3724*** (0,0309)	0,7077*** (0,0388)	2,0293*** (0,0787)	0,3448*** (0,0306)	1,4112*** (0,0432)
Chefe	-0,236*** (0,0202)	0,7897*** (0,0159)	-0,099*** (0,0180)	0,9062*** (0,0164)	-0,174*** (0,0242)	0,8406*** (0,0203)	0,0171 (0,0237)	1,0172 (0,0241)
Cônjuge	-0,088*** (0,0233)	0,9162*** (0,0213)	-0,109*** (0,0214)	0,8970*** (0,0192)	-0,126*** (0,0276)	0,8814*** (0,0243)	-0,188*** (0,0280)	0,8287*** (0,0232)



Tem Filho	-0,252*** (0,0317)	0,7770*** (0,0246)	-0,0500* (0,0286)	0,9512* (0,0272)	-0,339*** (0,0389)	0,7121*** (0,0277)	-0,0421 (0,0378)	0,9588 (0,0363)
Tem Filho 6	0,0075 (0,0309)	1,0076 (0,0311)	-0,0226 (0,0266)	0,9777 (0,0260)	0,1108*** (0,0374)	1,1172*** (0,0417)	0,1489*** (0,0342)	1,1606*** (0,0396)
MulherXFilho	0,3641*** (0,0369)	1,4392*** (0,0532)	0,1839*** (0,0336)	1,2019*** (0,0404)	0,5197*** (0,0438)	1,6816*** (0,0737)	0,1782*** (0,0434)	1,1951*** (0,0519)
Urbana	-0,115*** (0,0237)	0,8909*** (0,0211)	0,4791*** (0,0254)	1,6147*** (0,0410)	-0,414*** (0,0249)	0,6609*** (0,0165)	0,2802*** (0,0294)	1,3234*** (0,0389)
RM	0,1726*** (0,0203)	1,1884*** (0,0241)	0,2391*** (0,0178)	1,2702*** (0,0226)	-0,0286 (0,0259)	0,9718 (0,0252)	0,0731*** (0,0236)	1,0758*** (0,0254)
Norte	0,5908*** (0,0310)	1,8055*** (0,0560)	0,2462*** (0,0286)	1,2791*** (0,0366)	0,6904*** (0,0374)	1,9947*** (0,0746)	0,2411*** (0,0375)	1,2726*** (0,0477)
Nordeste	0,7622*** (0,0239)	2,1431*** (0,0513)	0,4471*** (0,0217)	1,5638*** (0,0340)	0,8574*** (0,0281)	2,3571*** (0,0663)	0,2019*** (0,0290)	1,2238*** (0,0355)
Sul	-0,305*** (0,0291)	0,7370*** (0,0215)	-0,428*** (0,0259)	0,6520*** (0,0169)	-0,208*** (0,0354)	0,8118*** (0,0287)	-0,089*** (0,0319)	0,915*** (0,0292)
Centro_Oeste	-0,123*** (0,0323)	0,8838*** (0,0285)	-0,284*** (0,0286)	0,7528*** (0,0215)	0,2086*** (0,0382)	1,2319*** (0,0471)	0,0747** (0,0349)	1,0776** (0,0376)
Constante	-1,331*** (0,0470)	0,2641*** (0,0124)	-1,435*** (0,0441)	0,2381*** (0,0105)	-2,657*** (0,0553)	0,0701*** (0,0039)	-2,889*** (0,0543)	0,0556*** (0,0030)

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da PNADC 2019 e da PNAD COVID-19.

Nota: (a) Níveis de significância: ***1%, **5% e *10%; (b) Erros padrão entre parênteses; (c) EI = Transição do Emprego para a Inatividade e ED = Transição do Emprego para o Desemprego.

Portanto, a probabilidade de transitar do emprego para a inatividade ou desemprego se reduzem quando à medida que os indivíduos concluem cada etapa de ensino (Fundamental e Médio). Os trabalhadores com menor nível de escolaridade foram os mais afetados com a pandemia, com uma maior chance de entrar no desemprego ou inatividade. Segundo Daly, Buckman e Seitelman (2020) isso se deve ao alto contato interpessoal que realizam em seus empregos.

Em relação a família, a presença de cônjuge e filhos reduzem as chances de mobilidade da condição de empregado. Já ter filho menor de 6 anos de idade se mostrou positivo e significativo apenas na transição de maio-agosto de 2020, sendo as chances de 11,72% para a inatividade e 16,06% para o desemprego. A interação entre mulher e ter filho mostrou que as mulheres com filhos têm maior chance de passarem do emprego para inatividade ou desemprego durante a pandemia. Esse resultado pode ser explicado pela necessidade de as mães assumirem o cuidado das crianças em decorrência do fechamento de escolas e creches durante a pandemia (Orellana; Aragón, 2020).

Morar em área urbana reduz a probabilidade de ficar inativo, porém aumenta as chances de ficar desempregado, em comparação com continuar empregado. Assim como também morar na região metropolitana aumenta as chances de transição para esses dois estados. Além disso, verificou-se que, comparados aos residentes da região Sudeste, os trabalhadores do Norte e Nordeste apresentam maiores riscos de transitarem do emprego para inatividade ou desemprego.

A tabela 4 apresenta os resultados do modelo logit multinomial referente a continuar desempregado (categoria base), ou transitar para inatividade (DI), ou encontrar emprego (DE) para

o período 1ºT 2019- 05/2020 que engloba o início de pandemia, e como consequência, início das medidas de isolamento social e o período 05/2020-08/2020 que envolve o período inicial de retomada das atividades econômicas.

Verifica-se que os homens têm mais chance de conseguir emprego e menor probabilidade de saírem da força de trabalho do que as mulheres (se comparado a continuar desempregado – categoria base). Assim como demonstrado por Fabrizi e Mussida (2009) as mulheres são mais prováveis de se tornarem inativas após o desemprego. E esse achado tem maior destaque para o primeiro período analisado cujas medidas de isolamento foram dotadas para conter a disseminação do Covid-19. Ser homem reduz em 34,73%, no primeiro período (1ºT 2019- 05/2020), e 11,71% no segundo período (05/2020-08/2020), a razão de chances de deixar a força de trabalho em comparação com as mulheres.

Além disso, o fato de: ser branco e ter 25 anos ou mais de idade (comparado com aqueles com idade entre 14 e 24 anos – categoria base) aumentam a probabilidade de encontrar emprego, DE, até certo limiar de idade (45 anos ou mais). Porém, são os mais jovens (idade entre 14 e 24 anos) aqueles que têm maior chance de tornarem-se inativos.

Tabela 4: Resultado do Modelo Logit Multinomial, Transição do Desemprego durante a pandemia de Covid-19

	1ºT 2019- 05/2020				05/2020-08/2020			
	DE		DI		DE		DI	
	Coef.	RRR	Coef.	RRR	Coef.	RRR	Coef.	RRR
Homem	0,4170*** (0,0453)	1,5175*** (0,0688)	-0,427*** (0,0491)	0,6527*** (0,0321)	0,3155*** (0,0253)	1,3709*** (0,0347)	-0,124*** (0,0312)	0,8829*** (0,0275)
Branco	0,2212*** (0,0384)	1,2476*** (0,0479)	0,2082*** (0,0432)	1,2315*** (0,0532)	0,1187*** (0,0200)	1,1261*** (0,0225)	0,0531** (0,0269)	1,0545*** (0,0284)
Idade 25 a 34	0,1870*** (0,0526)	1,2056*** (0,0634)	-0,578*** (0,0593)	0,5608*** (0,0332)	0,5267*** (0,0310)	1,6933*** (0,0525)	-0,281*** (0,0363)	0,7549*** (0,0274)
Idade 35 a 44	0,2384*** (0,0590)	1,2692*** (0,0749)	-0,696*** (0,0673)	0,4988*** (0,0336)	0,6253*** (0,0333)	1,8687*** (0,0622)	-0,474*** (0,0418)	0,6222*** (0,0260)
Idade 45 a 54	0,2000*** (0,0653)	1,2214*** (0,0798)	-0,468*** (0,0730)	0,6264*** (0,0457)	0,6177*** (0,0355)	1,8546*** (0,0658)	-0,599*** (0,0464)	0,5493*** (0,0255)
Idade 55 a 65	0,0683 (0,0786)	1,0707 (0,0842)	0,0188 (0,0832)	1,0190 (0,0848)	0,3927*** (0,0383)	1,4809*** (0,0567)	-0,839*** (0,0528)	0,4318*** (0,0228)
Sem Instrução	-0,350*** (0,0587)	0,7047*** (0,0414)	1,2559*** (0,0746)	3,5109*** (0,2619)	-0,233*** (0,0306)	0,7924*** (0,0243)	0,8999*** (0,0466)	2,4593*** (0,1145)
Fundamental	-0,504*** (0,0617)	0,6039*** (0,0373)	1,1093*** (0,0761)	3,0321*** (0,2306)	-0,231*** (0,0309)	0,7935*** (0,0246)	0,7426*** (0,0459)	2,1013*** (0,0964)
Médio	-0,328*** (0,0506)	0,7207*** (0,0365)	0,5211*** (0,0691)	1,6839*** (0,1163)	-0,160*** (0,0251)	0,8524*** (0,0214)	0,5003*** (0,0407)	1,6493*** (0,0672)
Chefe	-0,0216 (0,0412)	0,9786 (0,0403)	-0,212*** (0,0483)	0,8091*** (0,0391)	0,0929*** (0,0206)	1,0973*** (0,0226)	-0,193*** (0,0303)	0,8241*** (0,0249)
Cônjuge	0,3439*** (0,0489)	1,4104*** (0,0690)	0,1416** (0,0553)	1,152*** (0,0637)	0,1484*** (0,0240)	1,1600*** (0,0279)	-0,101*** (0,0344)	0,9042*** (0,0311)
Tem Filho	-0,173*** (0,0696)	0,8411*** (0,0585)	-0,438*** (0,0874)	0,6458*** (0,0564)	0,1762*** (0,0338)	1,1927*** (0,0403)	-0,0698 (0,0523)	0,9326 (0,0488)
Tem Filho 6	0,0657 (0,0601)	1,0679 (0,0642)	0,0826 (0,0708)	1,0861 (0,0768)	-0,0598* (0,0307)	0,9420* (0,0289)	0,0147 (0,0448)	1,0148 (0,0454)
MulherXFilho	0,0509 (0,0716)	1,0523 (0,0754)	0,6588*** (0,0863)	1,9324*** (0,1667)	-0,206*** (0,0370)	0,8141*** (0,0302)	0,0537 (0,0522)	1,0551 (0,0551)
Urbana	-0,691***	0,5010***	-0,1089**	0,8968**	0,0071	1,0071	-0,202***	0,8171***



	(0,0466)	(0,0233)	(0,0524)	(0,0470)	(0,0279)	(0,0281)	(0,0350)	(0,0286)
RM	-0,285***	0,7520***	0,0070	1,0071	-0,078***	0,9254***	0,1506***	1,1625***
	(0,0377)	(0,0284)	(0,0417)	(0,0420)	(0,0192)	0,0178	(0,0259)	(0,0301)
Norte	-0,202***	0,8174***	0,2531***	1,2881***	0,1562***	1,1691***	0,1550***	1,1676***
	(0,0584)	0,0477	(0,0632)	(0,0814)	(0,0309)	(0,0361)	(0,0422)	(0,0492)
Nordeste	-0,389***	0,6776***	0,2965***	1,3451***	0,3828***	1,4664***	0,5655***	1,7603***
	(0,0448)	(0,0303)	(0,0489)	(0,0658)	(0,0234)	(0,0343)	(0,0306)	(0,0539)
Sul	0,4652***	1,5924***	0,1642**	1,1784***	-0,088***	0,9160***	-0,198***	0,8201***
	(0,0545)	(0,0868)	(0,0645)	(0,0760)	(0,0289)	(0,0265)	(0,0412)	(0,0338)
Centro_Oeste	0,1621***	1,1759***	0,3363***	1,3998***	0,0944***	1,0990***	0,0509	1,0522***
	(0,0622)	(0,0731)	(0,0694)	(0,0972)	(0,0320)	(0,0352)	(0,0436)	(0,0459)
Constante	0,9290***	2,5320***	-0,498***	0,6076***	-0,644***	0,5249***	-1,005***	0,3659***
	(0,0798)	(0,2020)	(0,0959)	(0,0583)	(0,0454)	(0,0238)	(0,0599)	(0,0219)

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da PNADC 2019 e da PNAD COVID-19.

Nota: (a) Níveis de significância: ***1%, **5% e *10%; (b) Erros padrão entre parênteses; (c) DE = Transição do Desemprego para o Emprego e DI = Transição do Desemprego para Inatividade.

Os indivíduos com menor nível de escolaridade possuem menor chance de transitar do desemprego para o emprego, principalmente no período que engloba o início das medidas de distanciamento social (1^oT 2019- 05/2020). Nesse intervalo, aqueles sem instrução ou com ensino fundamental incompleto registraram 29,53% menos chance de inserção ocupacional, enquanto os indivíduos com ensino fundamental completo apresentaram redução de 39,61% e os com ensino médio, de 27,93%, em comparação aos trabalhadores com ensino superior.

Com relação à família, as variáveis que aumentam as chances de conseguir emprego são: ter cônjuge em ambos os períodos; e ser chefe (ter filho, apenas no segundo período). O contrário se observa para aqueles que têm filhos menor de 6 anos de idade e para as mulheres com filhos, no período 05/2020-08/2020, que tem 5,8% e 18,59% menos chance de encontrarem emprego, respectivamente. Ademais, ser mãe aumenta a probabilidade de sair da força de trabalho em 93,24%, no período de início da pandemia.

Por fim, para as variáveis de localização tem-se que para o primeiro período, morar em área urbana, região metropolitana, nas regiões Norte ou Nordeste, se comparadas com a região Sudeste, reduzem a probabilidade de encontrar emprego. E morar em uma região que não seja a Sudeste aumenta as chances de transitar do desemprego para inatividade. No segundo período morar nas regiões Norte, Nordeste ou Centro-Oeste aumentam a probabilidade de sair do desemprego (DE e DI).

Em consonância com Komatsu e Menezes-Filho (2020), Orellana e Aragón (2020) e Barbosa, Costa e Hecksher (2020), os achados deste estudo reforçam que a pandemia de COVID-19 intensificou vulnerabilidades já presentes no mercado de trabalho brasileiro, afetando de forma mais intensa grupos historicamente vulneráveis. As evidências apontam que mulheres, especialmente aquelas com filhos pequenos, jovens, pessoas não brancas e indivíduos com menor escolaridade apresentaram maiores probabilidades de saída do emprego, transição para a inatividade e maiores dificuldades de reinserção ocupacional. Além disso, as disparidades



regionais reforçam a maior fragilidade dos mercados de trabalho do Norte e Nordeste em relação ao Sudeste.

5 Considerações finais

Este artigo teve por objetivo analisar os determinantes da transição no mercado de trabalho brasileiro durante a pandemia de Covid-19. Para tanto, foram estimadas matrizes de probabilidade de transição e o modelo logit multinomial para verificar os efeitos das variáveis relacionadas ao indivíduo, família e localização sobre a probabilidade de transitar entre os três estados do mercado de trabalho: empregado, inativo e desempregado.

Utilizou-se os dados da PNADC 2019 e da PNAD COVID-19, formando duas bases de dados para análise da transição na força de trabalho no período do 1º trimestre de 2019 - maio de 2020 que engloba o início da pandemia, e o segundo período refere-se a maio de 2020 - agosto de 2020, onde a economia do país começou a mostrar indícios de recuperação.

Os resultados da matriz de probabilidade mostram que os indivíduos que residem na região Nordeste são os que tem menos chance de conseguirem uma ocupação e maior probabilidade de ficarem desempregados, no primeiro período analisado, que engloba o início da pandemia de Covid-19. Já no período em que a economia mostra indícios de recuperação, a probabilidade de conseguir emprego é maior para os que vivem na região Nordeste, 44%, e menor para os das regiões Sul e Sudeste com cerca de 39%. Vale destacar, que nesse período, essas regiões também foram as que tiveram menor de probabilidade do indivíduo ficar desempregado se comparado com as outras regiões.

As evidências do modelo econométrico sugerem que o risco de saída do emprego é menor para os homens. E quando desempregados, eles têm mais chance de conseguir emprego e menor probabilidade de saírem da força de trabalho do que as mulheres. Em consonância com Barbosa, Costa e Hecksher (2020), observa-se que as mulheres enfrentaram maiores perdas de emprego do que os homens, uma vez que os setores mais diretamente afetados pela pandemia de COVID-19 concentram maior participação feminina.

Verifica-se que ser branco e ter idade entre 25 a 54 anos, em comparação com os indivíduos mais jovens, reduz as chances de transitar para a inatividade ou desemprego. Os mais jovens quando desempregados, têm probabilidade menor de encontrar emprego e maior chance de tornarem-se inativos. Já em relação a educação, aqueles com menor nível educacional apresentam maior chance de transitarem para a inatividade ou desemprego durante a pandemia. Segundo Daly, Buckman e Seitelman (2020) isso se deve ao alto contato interpessoal que realizam em seus empregos.



Ademais, a presença de cônjuge e filhos reduzem as chances de mobilidade da condição de empregado. As mulheres com filhos têm mais chance de passarem do emprego para inatividade ou desemprego. Isso ocorre devido as mães precisarem cuidar dos filhos em razão do fechamento das escolas e creches (Orellana; Aragón, 2020).

Observou-se que a pandemia atingiu principalmente os mais jovens, as mulheres (principalmente as que têm filhos) e aqueles com menor nível educacional. A análise individual dos efeitos da pandemia de Covid-19 no mercado de trabalho é de suma importância para o planejamento de políticas sociais destinadas aos grupos mais atingidos por uma crise econômica.

Referências

- ARAÚJO, João Paulo Faria de; ANTIGO, Mariangela Furlan. Desemprego e qualificação da mão de obra no Brasil. **Revista de Economia Contemporânea**, v. 20, n. 2, p. 308-335, 2016.
- BARBOSA, Ana Luiza Neves de Holanda; COSTA, Joana Simões; HECKSHER, Marcos. Mercado de trabalho e pandemia da Covid-19: ampliação de desigualdades já existentes? **Mercado de Trabalho: conjuntura e análise**, Rio de Janeiro, n.69, 2020. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10186>.
- BRIK, Tymofii; OBRIZAN, Maksym. Job market effects of COVID-19 on urban Ukrainian households. **arXiv preprint arXiv:2007.15704**, 2020.
- CHO, Seung Jin; LEE, Jun Yeong; WINTERS, John V. **COVID-19 Employment Status Impacts on Food Sector Workers**. Iowa State University Department of Economics Working Paper No. 20013, 2020. Disponível em: https://lib.dr.iastate.edu/econ_workingpapers/108/.
- DALY, Mary C.; BUCKMAN, Shelby R.; SEITELMAN, Lily M. The Unequal Impact of COVID-19: Why Education Matters. **FRBSF Economic Letter**, v. 2020, p. 17, 2020.
- DJOURMESSI, Yannick Fosso; YANNICK, Fosso. The Adverse Impact of the Covid-19 on Labor Market in Cameroon. **Working Papers** hal-02917816, HAL, 2020.
- FABRIZI, Enrico; MUSSIDA, Chiara. The determinants of labour market transitions. **Giornale degli Economisti e Annali di Economia**, p. 233-265, 2009.
- GAILHARD, Ilkay Unay; KATARIA, Karin. Economic crisis and labour force transition to inactivity: a comparative study in German rural and urban areas. **Studies in Agricultural Economics**, v. 116, n. 1, p. 25-32, 2014.
- GOMES, Carlos Eduardo et al. Transições no mercado de trabalho brasileiro e os efeitos imediatos da crise econômica dos anos 2010. **Economia e Sociedade**, v. 28, n. 2, p. 481-511, 2019.
- JOHNS HOPKINS UNIVERSITY. Coronavirus COVID-19 Global Cases by Johns Hopkins CSSE [Internet]. Johns Hopkins University; 2020. Disponível em: <https://gisanddata.maps.arcgis.com/apps/opsdashboard/index.html#/bda7594740fd40299423467b48e9ecf6>. Acesso em: 3 out. 2020.
- JOYCE, Robert; XU, Xiaowei. Sector shutdowns during the coronavirus crisis: which workers are most exposed. **Institute for Fiscal Studies Briefing Note BN278**, v. 6, 2020.
- KOMATSU, Bruno Kawaoka; MENEZES-FILHO, Naercio. Simulações de Impactos da COVID-19 e da Renda Básica Emergencial sobre o Desemprego, Renda, Pobreza e Desigualdade. **São Paulo: Policy Paper**, 2020.
- LEMIEUX, Thomas et al. Initial impacts of the COVID-19 pandemic on the Canadian labour market. **Canadian Public Policy**, v. 46, n. S1, p. S55-S65, 2020.
- LOPES, M. D. **Avaliação de desgaste de painéis em estudos longitudinais: uma aplicação na Pesquisa Mensal de Emprego (PME/IBGE)**. Dissertação (Mestrado) -Escola Nacional de Ciências Estatísticas, IBGE, Rio de Janeiro, 2002.
- MONTENOVO, Laura et al. **Determinants of disparities in covid-19 job losses**. National Bureau of Economic Research, 2020.



ORELLANA, Vívian dos Santos Queiroz; ARAGÓN, Jorge Alberto Orellana. EFEITOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO. *In: Encontro Nacional de Economia – ANPEC, 48. Anais...online, 2020.*

SOUSA JUNIOR, J. R. C. et al. Visão geral da conjuntura em tempos de COVID-19. Carta de Conjuntura, IPEA, n. 46, 2020. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/wp-content/uploads/2020/03/CC46_Vis%C3%A3o-Geral.pdf. Acesso em: 30 abr. 2026.

WROBLEVSKI, Bruno; CUNHA, Marina Silva. DETERMINANTES DAS TRANSIÇÕES NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO, CRISE ECONÔMICA E DESIGUALDADE RACIAL: UMA ANÁLISE PARA O PERÍODO 2012-2019. *In: Encontro Nacional de Economia – ANPEC, 48. Anais...online 2020.*